

Episódios

A teoria do Chico-espertismo

O psicólogo americano David Dunning leu num Jornal que um ladrão de 44 anos, chamado McArthur Wheeler, tinha assaltado dois bancos sem ter usado qualquer disfarce, e fora preso logo de seguida.

O ladrão acabou por confessar à polícia a razão porque efetuara o assalto dessa forma tão estúpida: alguns amigos seus tinham-no convencido de que se passasse sumo de limão no rosto isso torná-lo-ia invisível para as câmaras de vigilância, e ele comprovava-o tirando uma fotografia ao seu próprio rosto, e pudera verificar que este não aparecia na foto. O facto de ter focado o teto e não o seu rosto, não lhe ocorreu que fosse a verdadeira explicação, e assim perpetrou os dois assaltos com a mais cândida confiança.

Será que um idiota poderá ser idiota ao ponto de não reconhecer a sua própria idiotice? Esta pergunta serviria como hipótese para a investigação posterior de Dunning. O psicólogo propôs ao seu melhor discípulo, o jovem Justin Kruger, que realizassem uma investigação científica sobre esta questão, e assim reuniram um grupo de voluntários para a realizar. Aos participantes foi perguntado o quão eficientes se consideravam nas áreas de gramática, raciocínio lógico e humor.

Os resultados foram publicados em dezembro de 1999. Kruger e Dunning constataram o que vários estudos anteriores já sugeriam: “a ignorância gera confiança com mais frequência do que o conhecimento”.

Esta descoberta ficou a ser conhecida como “Efeito Dunning-Kruger”, e segundo ela, o conhecimento e a inteligência necessários para se desempenhar bem uma dada tarefa são muitas vezes os mesmos que permitem ter consciência de que não se está habilitado a executá-la, e, complementarmente, que, se não se tem esse conhecimento e essa inteligência, é-se igualmente incapaz de reconhecer a necessária competência noutra pessoa para executar essa mesma tarefa.

Aplicando estas conclusões ao julgamento político, podemos até ficar assustados com a deriva antidemocrática a que isso nos poderia levar, mas explica o crescente depauperamento intelectual dos titulares de cargos públicos com maior poder neste mundo, nos últimos tempos, e que foram

eleitos democraticamente.

Porém, a experiência de Dunning e Kruger provou simultaneamente uma conclusão simétrica, como é óbvio: os mais inteligentes e possuidores de mais conhecimento tendem a sentir-se menos seguros quanto ao real valor das suas aptidões.

O paradoxo socrático, “Só sei que nada sei” ocorre-nos imediatamente, embora a obra conhecida de Platão, segundo alguns dos seus mais eminentes estudiosos, não contenha essa frase em lado nenhum, e que a imprecisão da paráfrase deriva do facto de no original o autor não estar a dizer que nada sabe, mas sim que não pode saber nada com absoluta certeza.

Se o conhecimento, ao contrário da ignorância, gera frequentemente falta de confiança, poderemos, democraticamente, concluir que os mais idiotas ganham o campeonato por falta de comparação dos mais aptos, para liderar os destinos deste mundo? Já começo a ficar com uma terrível dor de cabeça...

Não será uma regra, mas todos sabemos que alguns dos mais aptos elementos que conhecemos não comparecem à chamada, quando é preciso que a sua humildade vá ao ponto de arriscarem a comprometerem a sua autoimagem, preferindo o papel de eterna reserva moral e de críticos de retaguarda; e isto não me parece que seja a falta de autoconfiança do sábio, do Efeito Dunning-Kruger, mas apenas cobardia moral. É que às vezes é preciso correr o risco de cometer erros e ser criticado por isso, ou pior ainda, perder a corrida para um imbecil qualquer.

Porém, os que aceitam corajosamente por o seu conhecimento ao serviço do coletivo, saibam que estarão sempre na mira daqueles que se encontram no lado simétrico do resultado daquela experiência - os que são capazes de assaltar bancos com uma máscara de sumo de limão ou que escolhem como líderes das suas causas personagens à sua imagem e semelhança - sim, porque estes são os que raramente perdem a cisma de que estão no caminho certo, pois para eles a confiança é, pelos vistos, muito resiliente.

A inaptidão para executar uma dada tarefa consiste frequentemente em não se valorizar distintamente o fundamental do acessório, o provisório do pere-ne, a substância da excrecên-

cia, o bem comum da vantagem individual; porém, os inaptos alimentam-se da perspectiva do sabor da vitória sobre o oponente, ainda que isso consista em cortar o ramo onde ambos estão sentados. E não vale a pena chamarem-lhes à atenção para isso, eles cairão a par com o ramo e com um circunspecto sorriso de confiança no rosto.

Num sistema perfeito já teriam sido expurgados, porque a democracia não deveria ser confundida com a ditadura do senso comum sobre o bom senso. Mas nada é perfeito neste mundo.

A democracia, por sua própria natureza, não faz testes psicotécnicos aos cidadãos a quem atribui os direitos de cidadania, e os advogados também não, desde que se lhes pague; e assim, todos nós, os inaptos, temos quem saiba dizer por nós o que nós deveríamos dizer, se soubéssemos do que estamos a falar.

Ai esta dor de cabeça!

Que o sacrifício extra que é preciso fazer para reiniciar o sistema, de cada vez que um imbecil põe um pauzinho na engrenagem - sempre que vê oportunidade para exhibir a sua noção de rigor - se traduza num reforço da autoconfiança dos mais aptos.

Pesa sobre estes a cruel tarefa de defenderem os valores da democracia contra quem a usa para a depreciar em proveito próprio.

À parte o tempo perdido, e num certo sentido, é até gratificante que um imbecil use toda a sua diligência para destruir o que fazemos; se um imbecil gosta do que fazemos, algo de errado se passa com o nosso trabalho. Poderíamos mesmo avaliar a qualidade de uma obra pela quantidade de imbecis que arranjam motivos para a desacreditarem.

Mas que dor de cabeça!

Esta dor de cabeça é o resultado de tentar explicar uma coisa simples por um processo complicado, às três horas e quarenta e dois minutos da manhã.

Ocorreu-me que se me entregasse à leitura de duas missivas plenas de cândida autoconfiança e de pesporrência, de camaradas nossos, que me chegaram às mãos, iria ficar entediado ao ponto de adormecer, e deu nisto. Afinal, toda a gente sabe, sem precisar de conhecer a teoria de Dunning e Kruger, que este mundo está cheio de chicos espertos.

Versão áudio para deficientes visuais no Elo on-line deste mês

Editorial

Por Direção Nacional

Indignação e dignidade

Foi com profunda insatisfação e revolta que os deficientes das Forças Armadas se viram de novo confrontados com a insegurança no fornecimento normal dos produtos de apoio que tão importantes são para a sua qualidade de vida, especialmente quando a terceira idade já agrava o estado de saúde e as deficiências sofridas na Guerra Colonial. Durante o mês de setembro, após um período que para muitos foi de férias - mas não para a ADEFA, a Associação recebeu do Gabinete do ministro da Defesa Nacional, João Azeredo Lopes, do próprio secretário de Estado da Defesa Nacional, Marcos Perestrello, e da Casa Militar de Sua Excelência o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, palavras de garantia de que os poderes e o Governo estão politicamente empenhados na resolução da questão do fornecimento de próteses e produtos de apoio. A veemência do nosso diálogo com o Poder sublinha a urgência de resolução efetiva deste problema.

Esta veemência mantém-se ao nível da especificidade das nossas reivindicações: a aprovação da Carta Magna pelo Parlamento, a aplicação do DL 503/99, 20NOV, aos deficientes militares, a não sujeição das Pensões de Preço de Sangue ao controlo de rendimentos, a alteração do referencial do cálculo do Abono e Prestação Suplementar de Invalidez pela remuneração mínima mensal garantida, de acordo com o DL 43/76, 20JAN, a sua extensão aos deficientes militares em serviço, e a possibilidade de revisão de processo a todo o tempo. Num momento político em que o Governo deu um enorme passo na aplicação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, garantindo um pacote de medidas como a criação da Prestação Social para a Inclusão, entre outras, depois do trabalho contínuo das instituições de e para deficientes em prol dos direitos destes cidadãos, a ADEFA recorda a sua própria luta pelos direitos dos Deficientes das Forças Armadas. Em 1975, no mês de setembro, a Associação, os seus associados e dirigentes, e uma aguerrida comissão “ad hoc” de luta, marcaram a sociedade portuguesa com a manifestação da sua insatisfação e da necessidade de criar legislação que garantisse os direitos dos homens feridos na guerra. No dia 20 de setembro, a Luta de 75 foi uma vez mais evocada na Sede Nacional, com a participação daqueles que estiveram naquele elétrico que foi sede de um protesto e ponto de encontro dos deficientes militares em manifestação com a população reconhecida, que lhes levou comida e palavras de solidariedade. Não esqueçamos - nunca poderemos esquecer - esses tempos de intervenção na rua, de liberdade, de democracia e de exercício de cidadania.

E ninguém melhor que os homens que sofreram na guerra para falar de Paz. A ADEFA foi organizadora, com a Câmara Municipal de Lisboa e a Liga dos Combatentes, da Marcha Pela Paz 2017, no esteio do Dia Internacional da Paz (celebrado em 21 de setembro), divulgando a mensagem do secretário-geral das Nações Unidas, o português António Guterres, e levando mais longe os ideais do fim da guerra e da estabilização das sociedades e das nações na Paz, preconizado pela Federação Mundial dos Antigos Combatentes e Vítimas de Guerra (FMAC), de que a ADEFA é membro ativo. Só na Paz e pela Paz é possível melhorar a vida do Homem.

O início de outubro trouxe a festa da Democracia, com as Eleições Autárquicas. A Associação sabe que o contacto e trabalho continuado com o Poder Local são importantes para a vida dos associados e dos deficientes militares em geral. Através das suas Delegações, a ADEFA interpela os municípios e as freguesias para que se mantenham mais próximas dos cidadãos portadores de deficiência, derrubando barreiras mentais e arquitetónicas, construindo pontes culturais e de inovação tecnológica, alicerçando a sociedade portuguesa em mais e melhor saúde para todos, em maior apoio na velhice, em mais inclusão, mais dignidade e cada vez mais Cidadania. Neste novo ciclo que se inicia nas autarquias, a Associação mantém a sua participação, através das Delegações e dos seus associados, muitos deles também autarcas eleitos. Saudando cada momento presente, atentos à centelha de futuro justo e livre sempre viva e vibrante nesse presente, apostamos na Paz, na Solidariedade, na Inclusão e no pleno exercício da Cidadania, para deixarmos ao Mundo um legado feito pelo testemunho vivo de que as gerações vindouras possam orgulhar-se.